O DESENVOLVIMENTO DO COMPLEXO AGROINDUSTRIAL DO OESTE CATARINENSE E SUA RELAÇÃO COMO O ÊXODO POPULACIONAL: O CASO DA MICRORREGIÃO DE SÃO MIGUEL DO OESTE

THE DEVELOPMENT OF THE AGRO-INDUSTRIAL COMPLEX OF THE WEST CATARINENSE AND ITS RELATION AS THE POPULATION EXODUS: THE CASE OF THE SÃO MIGUEL DO OESTE MICROREGION

JAIRO JACÓ HANSEN[1]

RESUMO: A temática que envolve a relação entre movimento migratório e economia para a mesorregião oeste de Santa Catarina já fora abordada por outros pesquisadores é consenso de que esta região se diferencia e se caracteriza pelo setor agroindustrial. Contudo, nesse trabalho, buscamos interpretar dados censitários e das principais rendas agropecuárias das microrregiões, enfatizando a de São Miguel do Oeste, e relacioná-los com dados históricos da formação do complexo agroindustrial de carnes de aves e suínos. Para tanto, utilizamos dados censitários e de órgãos de pesquisas, interpretando-os a partir de elementos da categoria de formação sócio espacial.

Palavras-chave: agroindústrias, complexo agroindustrial, migração, microrregião.

Abstract:A theme that involves the relationship between migration and economics for west midland region of Santa Catarina had already been addressed by other researchers, and the consensus is that this region is different and is characterized by the agribusiness sector. However, in this paper we interpret census data and also the main agricultural incomes of the microregions - emphasizing the São Miguel do Oeste microregion - and relate them to historical data of the formation of the agroindustrial complex of poultry and pigs meat. The study used data from census and from agencies of research, interpreting them from elements of the category of socio-spatial formation.

Keywords: Agribusiness; Agroindustrial Complex; Migration; Microregion.

Resumen: El temas que implica la relación entre movimiento migratorio y la economía para la mesorregião oeste de Santa Catarina ya afuera abordado por otros investigadores, y, es consensos que esta región se diferencia y se caracteriza por el sector agroindustrial. Sin

[1] Mestre em Geografia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. As reflexões desse artigo são resultantes de nossa dissertação de metrado intitulada: "O desenvolvimento do Complexo agroindustrial do Oeste catarinense e sua relação como o êxodo populacional: o caso da microrregião de São Miguel do Oeste".

embargo, en este trabajo, buscamos interpretar datos censitaires y principales rentas agro-pastorales de microrregiões, destacando este de São Miguel do Oeste, e informarlos el com datos históricos de la formación del complejo agroindustrial de carnes de pollos y cerdos. Para tal manera, utilizamos datos censitaires y de agencias de investigaciones, interpretándo-los a partir de elementos de la categoría de formaciónsocio espacial.

Palabras clave: agronegocios, complejos agro-industrial, la migración, la micro-región.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objetivo analisar a relação entre o êxodo populacional e o desenvolvimento do complexo agroindustrial do Oeste catarinense. A mesorregião oeste de Santa Catarina (Figura 1) vem apresentando queda no percentual de população em relação ao estado desde a década de 1970, quando correspondia a 26,30% da população total, reduzindo gradualmente nas décadas seguintes para 24,40% no censo de 1991; 20,93% no de 2000, e 19,21% no de 2010. Essa redução dá-se em índices relativos, pois o crescimento da população regional ocorre abaixo do índice de crescimento vegetativo, sendo que, entre os censos de 1991 e 2010 teve um crescimento de apenas 14,24%, influenciado principalmente pelo êxodo rural. Contudo, internamente, dentre as cinco microrregiões que compõem a mesorregião, a microrregião de São Miguel do Oeste foi a única que teve decréscimo absoluto da população nos últimos vinte anos, com redução de 6,47% de sua população total, o que equivale a aproximadamente 1% da população mesorregional para 2010, porém, com um pequeno crescimento de 2,08% na última década.

FIGURA 1: Mapa da mesorregião oeste de Santa Catarina e divisão microrregional



Fonte: IBGE Organizado por: Jairo Jacó Hansen e Lucas Ricardo Hoenig.

Para Alves e Mattei (2006), o êxodo rural é o principal responsável pelo movimento populacional, pois a principal fonte de renda e emprego da mesorregião é a agricultura, e no ano de 1996, cerca de 28% dos estabelecimentos agrícolas da mesorregião oeste encontravam-se na faixa de exclusão, com sérias dificuldades para a viabilização, o que, para os autores, decorre principalmente da dificuldade crescente que os agricultores minifundistas tem em manter a produção agropecuária sob os moldes de produção em que foi desenvolvida a região, e isso deriva, sobretudo, da desarticulação entre o(s) complexo(s) agroindustrial(ais) e essa parcela dos agricultores. Contudo, é importante destacar que, entre os censos agropecuários de 1996 e 2006, a redução dos estabelecimentos agrícolas do estado foi de 4,76%, enquanto que a redução da população ocupada na agricultura foi de 20,47%. Dessa forma, a média de pessoas ocupadas por estabelecimento agrícola era no ano de 2006 de 2,95 pessoas, o que nos leva a concluir que a migração rural-urbana acontece, sobretudo, por membros da família que deixam a propriedade, e não por abandono da atividade agropecuária de toda a família.

Acompanhando o raciocínio dos autores em estabelecer interconexões entre as transformações do ambiente econômico e a mobilidade espacial, que parte do pressuposto que esta última ocorre, sobretudo, por efeitos de expulsão do indivíduo do seu local de origem, buscamos interpretar alguns dados da produção e produtividade agropecuária e da colonização da mesorregião a partir de elementos da categoria de formação sócio espacial[2].

Para tanto, partimos de dados referentes à produção agropecuária do censo agropecuário de 2006, cujos dados demonstram que os Complexos Agroindustriais de aves e suínos da mesorregião oeste correspondiam, naquele ano, à produção e abate de mais de 15% de todo o produzido no país e 75% da produção estadual, e, paralelamente, a produção mesorregional de grãos (milho e soja) representava aproximadamente 70% da produção estadual.

Ainda, dentro das atividades agropecuárias que representam a maior parcela do PIB agropecuário catarinense, a mesorregião se destaca na produção leiteira - respondendo por aproximadamente 70% da produção estadual e 4,7% da produção nacional - e, na fumicultura – com 19% da produção estadual. Estas atividades agropecuárias representavam, no ano de 2006, 68,85% de todo o PIB agropecuário do estado, conforme quadro 1, sendo que somente a fumicultura não possui indústrias de transformação na região.

[2] O principal referencial bibliográfico sobre a categoria Formação Sócio Espacial utilizado nessa pesquisa foi a obra de Milton Santos – Sociedade e Espaço: Formação Espacial como Teoria e como Método – publicada em 1997 no Boletim Paulista de Geografia, n. 54.

QUADRO 1: Distribuição do PIB agrícola de Santa Catarina - principais produtos agropecuários (2002 a 2006).

Principais atividades do PIB agropecuário	2002	2003	2004	2005	2006
Aves (Galináceos + Outras aves)	25,45%	24,65%	26,08%	25,57%	28,99%
Suínos	13,14%	15,20%	16,35%	14,96%	12,81%
Milho em grão	10,16%	7,74%	5,80%	5,05%	7,96%
Fumo em folha (folha seca)	6,94%	9,17%	9,76%	7,83%	7,96%
Leite de vaca	6,57%	6,43%	6,73%	6,19%	7,20%
Soja em grão	3,45%	3,77%	2,28%	2,74%	3,93%
Total	65,71%	66,96%	67,00%	62,34%	68,85%

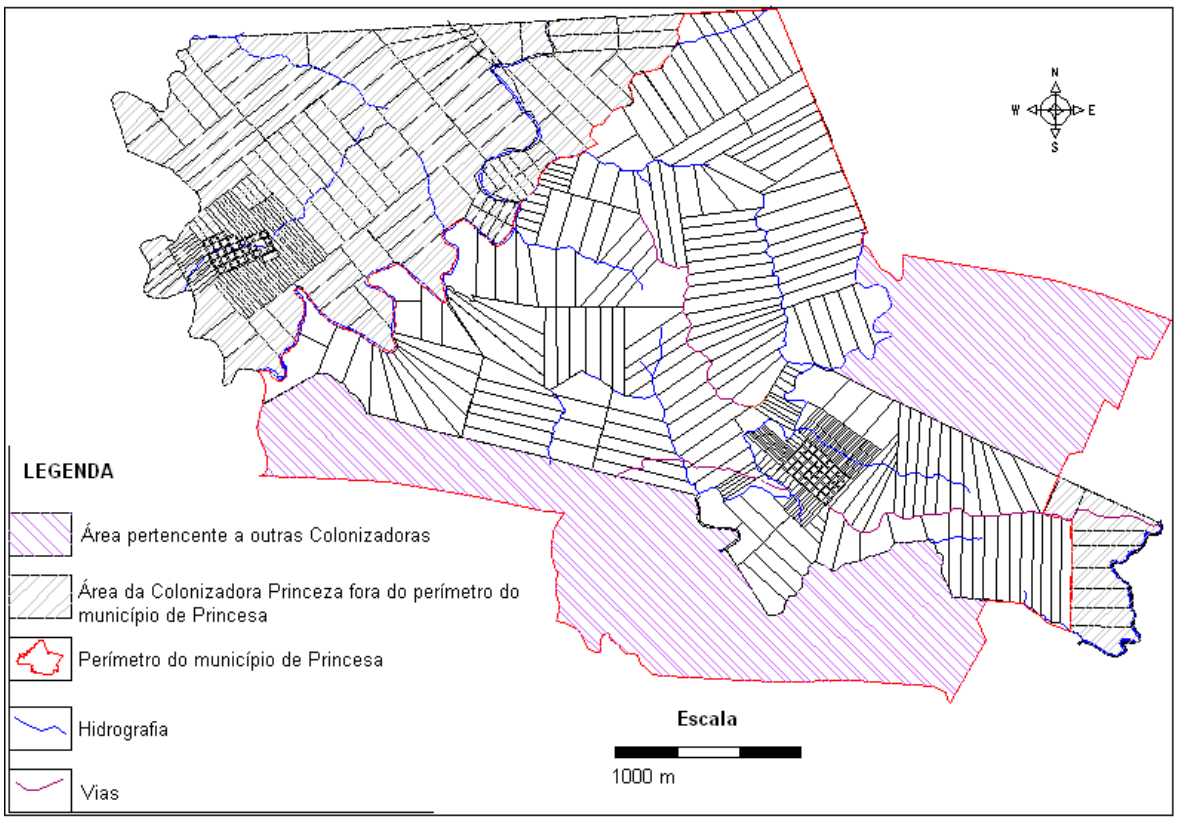
Fonte: CEPA/Epagri, IBGE

Apesar do período expresso no quadro acima ser de apenas cinco anos, observamos a expressividade da produção de carnes de aves e suínos na composição do PIB agrícola do estado, muito embora a suinocultura apresente uma oscilação na participação total e a avicultura uma tendência de crescimento. Dentre as demais atividades, observamos que a única com tendência de crescimento é a pecuária leiteira.

Ao que se refere à colonização, não é de nosso interesse nesse momento nos aprofundar nos contextos histórico e político que levaram ao molde colonizador da mesorregião, contudo, ela parte do interesse do governo do estado em dar efetiva ocupação à região, que já fora motivo de disputa territorial com o estado do Paraná e com a República Argentina (Questão do Contestado e Questão de Palmas, respectivamente), e, de revoltas populares (Guerra do Contestado), cuja efetivação ocorre a partir da concessão das terras à empresas colonizadoras e se estende em no período de 1917 até a década de 1960.

Às empresas colonizadoras coube o papel de promover a infraestrutura básica para a ocupação, que de forma geral, caracterizava-se pela formação de vilas em uma distância que não superava, em muito, dez quilômetros entre si, abertura de estradas e demarcação dos lotes colônias, cujo tamanho aproximado era de 25 hectares. No mapa da figura 2, percebemos que a Colonizadora Princeza, obedecia a esses parâmetros.

FIGURA 2: Mapa dos lotes da colonizadora Princeza (1953) e perímetro do município de Princesa (2010).



Fonte: Organizado pelo autor a partir de mapas históricos cedidos pelo Cartório de Registros de Imóveis de São José do Cedro.

Nas vilas, geralmente, se encontrava uma serraria, casas comerciais, igreja e, mais tarde, escolas. Como o lote colonial era vendido geralmente de forma parcelada, era de costume a formação de uma poupança junto ao comerciante local para o pagamento das parcelas, cujas economias, muitas vezes, provinham da venda do trabalho nas serrarias.

As primeiras empresas colonizadoras a atuarem no oeste partiram do município de Chapecó, ainda no ano de 1917. Nesse período, o município possuía uma imensa área territorial que compreendia toda a microrregião de São Miguel do Oeste e quase que a totalidade das microrregiões de Xanxerê, Chapecó, e, uma insipiente população que, de acordo com o censo demográfico de 1920, era de 11.325 habitantes. Porém, de acordo com Vicenzi (2009), o fluxo de imigrantes na região oeste, incluindo todas as microrregiões que a compõem, fora entre os anos de 1920 e 1940 de 10.340, e acrescido de 22.80 entre 1940 a 1950; 48.664 entre 1950 a 1960, e 61.730 na década de 1970. Contudo, o sentido em que ocorreu a colonização fora de leste-oeste, de maneira que a microrregião de São Miguel do Oeste foi a última a receber fluxos migratórios, já na década de 1950, salvo a pequena região que hoje compreende aproximadamente os municípios de Itapiranga, São João do Oeste e Mondaí, que já haviam sido colonizados no início da década de 1920.

O perfil do colonizador da região era de gaúchos descendentes de italianos e alemães, cuja produção agropecuária caracterizava-se como de subsistência, tendo como principal objetivo, na venda da produção excedente, a aquisição de gêneros alimentícios não produzidos na propriedade, ferramentas e equipamentos e a aquisição de novas áreas para os filhos. Porém, a partir da década de 1960, ela se integra na divisão social do trabalho como produtora de carne de aves e suínos e seus derivados, passando sua base econômica a caracterizar-se por uma combinação singular de pequenas propriedades, agricultura moderna e grandes agroindústrias.

Essa mudança do sentido produtivo da região, atribuímos ao contexto econômico que marcou o processo de industrialização brasileira pautado na substituição de importações (década de 1930 a final da década de 1980), que delineou o papel da agricultura no país, principalmente ao que concerne a modernização da agricultura, cujas características priorizaram segmentos (médios e grandes produtores) e regiões (centro-sul)[3].

FORMAÇÃO DE GRANDES AGROINDÚSTRIAS DE ABATE E PROCESSAMENTO DE SUÍNOS E AVES E A ESPACIALIZAÇÃO NA SELEÇÃO DE UNIDADES AGROPECUÁRIAS PRODUTORAS

Delgado (1985) destaca que no final dos anos 60, paralelamente ao setor industrial de bens de produção, moderniza-se também no país, "um mercado para produtos industrializados de origem agropecuária, dando origem à formação simultânea de um sistema de agroindústrias, em parte dirigido para o mercado interno e em parte para a exportação". De acordo com o autor, o crescimento econômico até então não fora acompanhado pela produção agrícola, o que gerava pressões inflacionárias, pois o Índice de Preços por Atacado de Produtos Agrícolas figurava acima do Índice Geral de Preços. Dessa forma, as agroindústrias catarinenses tinham como principal objetivo fornecer alimentos às cidades já densamente povoadas, sobretudo na região sudeste.

O incentivo Estatal à produção agrícola amparada pela mudança na base técnica se traduziu no financiamento a juros negativos para aquisição de maquinários e insumos quando da institucionalização do Sistema Nacional de Crédito Rural (SNCR) no ano de 1967.[4]

Logo, a financeirização da agricultura atinge também as atividades agroindustriais da região oeste de Santa Catarina e, empresas formadas a partir da acumulação de capital mercantil de pequena produção, como os moinhos e casas comercias que compravam o

[3] Para saber mais sobre a substituição das importações e complexos agroindustriais ver - Da substituição de Importações ao capitalismo financeiro. Maria da Conceição Tavares – Zahar- 10 edição – Rio de Janeiro 1982.

[4] Basicamente, o objetivo do SNCR foi de elevar o aumento da produção e da produtividade, principalmente de produtos voltados a exportação Contudo, isso se traduziu no financiamento da compra de um pacote tecnológico de maquinários, adubos químicos, sementes e mudas melhoradas geneticamente e defensivos químicos para uma parcela de produtores rurais. O público alvo foram médios e grandes produtores do centro-sul do país, por que representavam naquele momento o público com possibilidade de transição para uma agricultura com caráter capitalista, cuja justificativa estava na capacidade de pagamento dos empréstimos bancários.

excedente da produção e vendiam produtos de primeiras necessidades aos colonos, passaram a usufruir de crédito subsidiado, favorecendo a propulsão da produção agroindustrial.

O quadro 2 aponta os frigoríficos existentes na mesorregião no ano de 1975, evidenciando que sua localização ocorre principalmente nas primeiras regiões colonizadas, onde o capital comercial acumulado transformou-se em capital industrial.

QUADRO 2: Ano de fundação dos frigoríficos do oeste catarinense - 1940 a 1975.

	Frigorífico	Fundação	Município	Microrregião
1	Perdigão S.A. Ind. e Com.	1940	Videira	Joaçaba
2	Com. e Ind. Saulle Pagnoncelli	1942	Joaçaba	Joaçaba
3	Sadia Concórdia S.A.	1944	Concórdia	Concórdia
4	S.A.Ind. e Com. Chapecó	1952	Chapecó	Chapecó
5	Frigorífico Seara	1956	Seara	Concórdia
6	S.A. Frig. Itapiranga	1962	Itapiranga	S. Miguel d'oeste
7	Unifrico S.A. Ind. e Com	1963	Salto Veloso	Joaçaba
8	Indústrias Reunidas Ouro S.A.	Década 1960	Ouro	Joaçaba
9	Cooperativa Central Oeste Cat.	1969	Chapecó	Chapecó
10	Frig. São Carlos – FRISCAR	1975	São Carlos	Chapecó

Fonte: ALTMANN, Rubens (1979) adaptado pelo o autor.

A atividade produtiva a frente dos frigoríficos nas décadas de 1960 e 1970 era o abate de suínos para o mercado nacional. Dalla Costa (1993) destaca que os dois maiores frigoríficos do estado (Sadia e Perdigão) começaram suas atividades com o abate de suínos (cuja principal característica era a alta produção de gordura), provindos principalmente da região do vale do Itajaí.

Com a necessidade de atingir maior produção para o crescente mercado interno, essas empresas importaram matrizes americanas que tinham características mais aproximadas do que exigia o mercado e disseminaram a produção em regiões mais próximas. Porém na década de 1970, com o desenvolvimento da avicultura, as empresas começaram a produzir dentro do Sistema de Criação Integrado,[5] passando a selecionar unidades agropecuárias para a produção tanto de aves como de suínos. Contudo, de acordo com Dalla Costa (1993), a crise da suinocultura nos anos de 1976 e 1977 fez com que frigoríficos menores e que tinham a frente de seus negócios o processamento de carne suína, fossem incorporados. Dessa forma, a Perdigão S.A adquiriu o frigorífico Unifrico no fim da década de

[5] Para Martins (2003, p.14), o sistema integrado é o sistema que estabelece um acordo de colaboração mútua entre a empresa e o produtor através de um contrato entre o produtor e a agroindústria, onde o produtor se compromete em providenciar as instalações e a mão de obra, e a integradora em fornecer os insumos, animais (pintos, leitões), medicamentos, bem como assistência técnica, transporte para o abate e comercialização. A individualidade econômica é mantida e o sistema é chamado vertical porque todos os processos ou operações da produção têm uma única coordenação administrativa.

1970 e, no início da década de 1980, os frigoríficos Saulle Pagnoncelli e Indústrias Reunidas Ouro S.A., enquanto a Ceval-Hering adquire os frigoríficos Seara e Safrita.

Até o inicio da década de 1990 havia cinco empresas de expressão nacional atuando na cadeia de suínos de aves no Oeste Catarinense e que haviam expandido sua atuação para outras unidades da federação, a saber: Sadia S.A, Perdigão S.A, Frigorífico Chapecó, Ceval Alimentos e Cooperativa Central Oeste Catarinense (Frigorífico Aurora). Contudo, os investimentos dessas empresas eram diversificados, buscando rendimentos em outras atividades, caracterizando-se como conglomerados, controlando diversas empresas que atuam a exemplo, nos setores de transporte aéreo (Sadia) e têxtil (Ceval-hering).

A formação de grandes agroindústrias terminou por romper a competitividade regional construída a partir da relação mantida entre agroindústrias e pequenas propriedades. O movimento que se segue é o de aprofundamento da *integração vertical* e de seleção de unidades agrícolas integradas, conforme podemos observar no quadro 3 no curto período de 1996 a 2003, quando que houve uma redução de 58% dos estabelecimentos agrícolas dedicados a atividade e aumento de 24,27% do número de cabeças produzidas.

QUADRO 3: Variação do número de estabelecimentos e da produção de suínos em Santa Catarina (1996-2003).

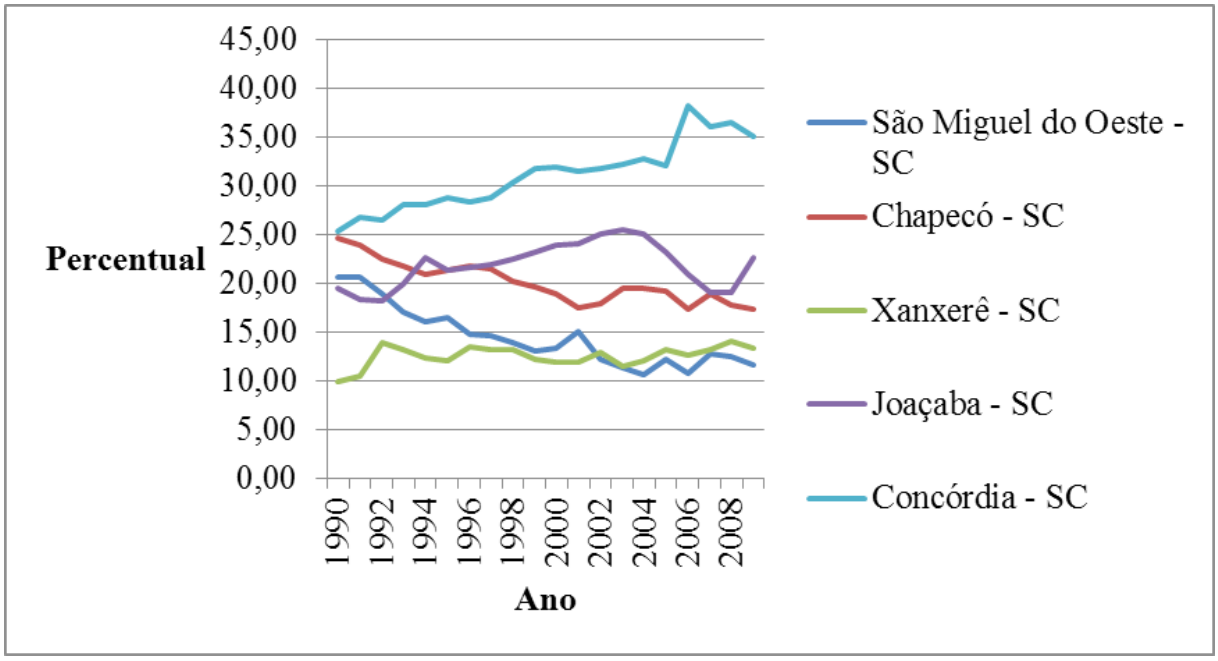
Estrato número de Animais	Estabelecimentos			Escala (cabeças/estab.)			Variação da Produção
	1996	2003	Variação	1996	2003	Variação	
Menos de 10	87074	34705	-60%	4	3	-20%	-70,11%
De 10 a 49	30301	10052	-67%	19	21	11%	-63,33%
De 50 a 199	8617	3000	-65%	97	126	30%	-54,78%
De 200 e mais	4827	6954	44%	585	713	22%	75,59%
Total	130819	54711	-58%	35	104	199%	24,27%

Fonte: EMBRAPA

O gráfico 1 demonstra que, a além da seleção das unidades produtoras, houve também um direcionamento regional na produção, demonstrando que a microrregião de São Miguel do Oeste foi a que teve maior decréscimo na produção, passando de 21% para 15% da produção mesorregional.

Contudo, na microrregião, essa produção está concentrada principalmente nos municípios próximos a Itapiranga, onde se situa uma unidade de abate do Frigorífico Seara/Cargill, sendo que os municípios de São João do Oeste, Itapiranga, Iporã do Oeste e Tunápolis, respondem por, aproximadamente, 62% da produção microrregional (para melhor visualização, consultar o mapa da figura 4).

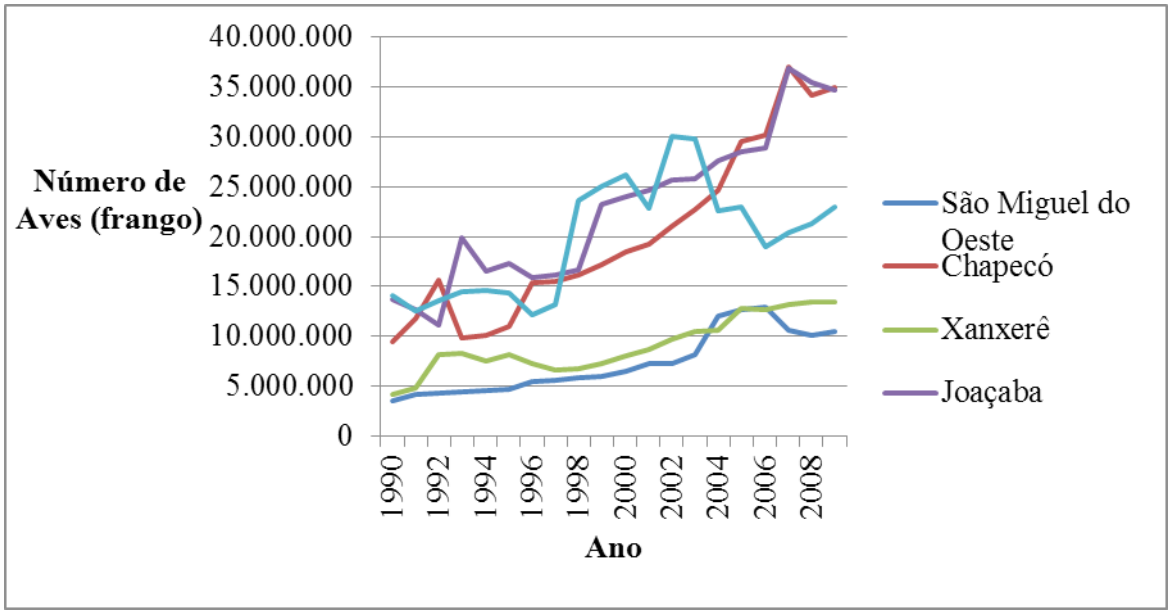
GRÁFICO 1: Dinâmica histórica da distribuição da produção de suínos na mesorregião oeste de Santa Catarina (1990-2008)



Fonte: CEPA/Epagri.

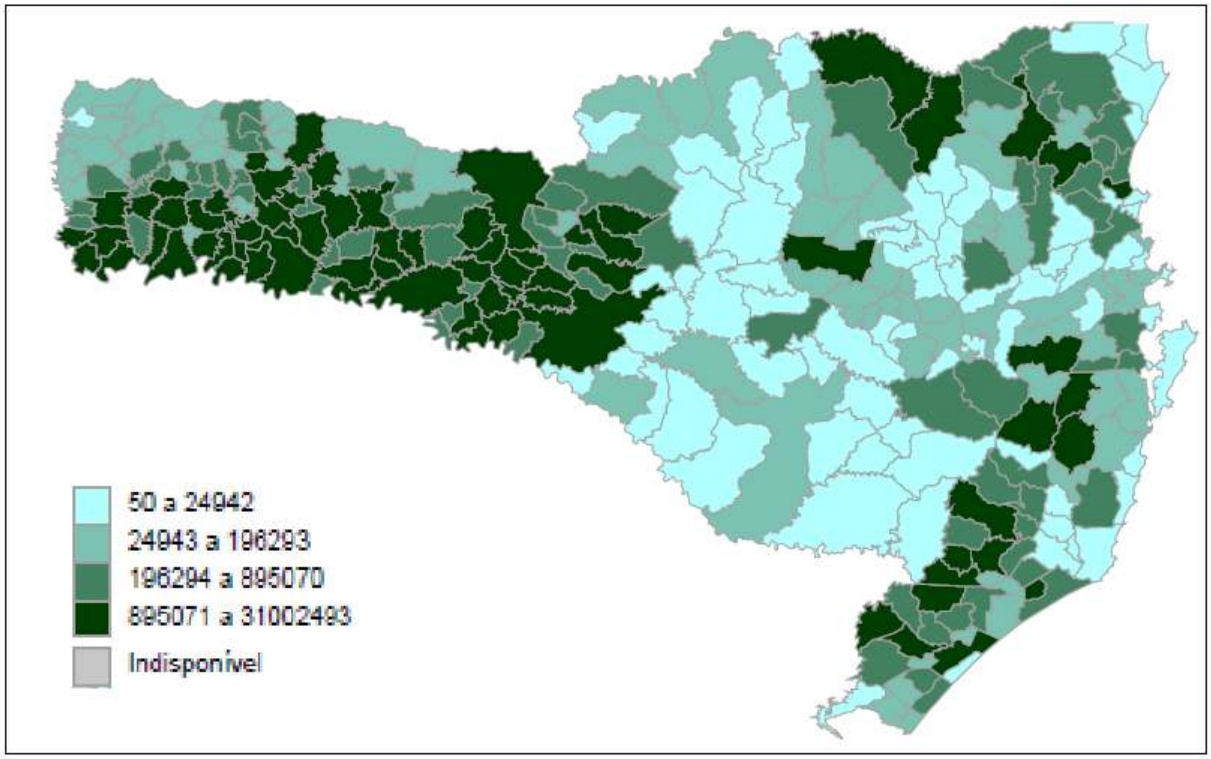
Semelhante a suinocultura, a avicultura também direcionou a produção para as microrregiões onde se encontram os maiores frigoríficos (Gráfico 2) e, internamente na microrregião de São Miguel do Oeste aos municípios próximos a Itapiranga, conforme mapa da figura 3.

GRÁFICO 2: Dinâmica histórica da distribuição da produção de aves na mesorregião oeste de Santa Catarina (1990-2008)



Fonte: CEPA/Epagri.

FIGURA 3: Mapa da produção de aves em Santa Catarina - efetivo de cabeças (2006).



Fonte: IBGE.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES: A INFLUÊNCIA DA LOCALIZAÇÃO DAS AGROINDÚSTRIAS DE CARNES NA MOBILIDADE POPULACIONAL E A IMPORTÂNCIA DE OUTRAS ATIVIDADES AGROPECUÁRIAS

Para nós, as desigualdades internas no que se refere ao êxodo populacional, uma vez que a microrregião de São Miguel do Oeste foi a única que teve decréscimo absoluto da população entre as décadas de 1990 e 2010, decorre justamente por esta ser a última a ser colonizada, pois o capital comercial não teve tempo de se tornar capital industrial e promover competitividade com a indústria já formada nas demais microrregiões, seja pela competitividade do mercado ou pelas crises econômicas que se sucederam nas décadas de 1970 (crise do petróleo, da suinocultura), 1980 (estagnação econômica, inflação elevada e, consequente redução e alta taxas no crédito agrícola) e 1990 (abertura de mercado e final do modelo econômico de industrialização baseado na substituição de importações).

Concordando com Alves e Mattei de que o êxodo populacional da mesorregião decorre principalmente pelo fato de os agricultores minifundistas não conseguirem acompanhar o desenvolvimento dos complexos agroindustriais de carnes, acrescentamos a essa dificuldade o motivo da localização geográfica das propriedades rurais, pois, quando tomamos por unidade de análise as microrregiões, percebemos claramente a opção por se

produzir mais próximos aos frigoríficos, uma vez que a produção integrada não necessita mais da produção grãos para alimentação dentro das propriedades. Quando tomamos por unidades de análise os municípios da microrregião de São Miguel do Oeste, observamos que os municípios próximos às unidades frigoríficas e Itapiranga são os que apresentam maior produção de aves e suínos (Itapiranga, São João do Oeste, Mondaí e Iporã do Oeste) e também figuram entre os que tiveram menor perda na população rural e na população total (Quadro 4). Contudo, vale ressaltar que o município de São Miguel do Oeste, comumente chamada de Capital do Extremo Oeste, concentra muitos dos serviços públicos federais e estaduais, tendo um comércio desenvolvido e atividades industriais diversificadas, além de um frigorífico de aves e suínos da Cooperativa Central Aurora, e, Dionísio Cerqueira faz fronteira com a República Argentina e concentra atividades aduaneiras, cuja maior parcela do PIB do município deriva do setor de serviços.

QUADRO 4: Dados da evolução da população dos municípios da microrregião de São Miguel do Oeste - SC (2000 e 2010).

Municípios	Censo 2000			Censo 2010			Crescimento 2000/2010 (%)		
	Total	Rural	Urbana	Total	Rural	Urbana	Total	Rural	Urbana
Microrregião de São Miguel do Oeste	171.160	89.496	81.664	174.725	73.548	101.177	2,08	-17,82	*23,89*
São Miguel do Oeste	32.324	4.932	27.392	36.295	4.243	32.052	12,2	-13,97	*17,01*
Itapiranga	13.998	8.616	5.382	15.430	7.795	7.635	10,2	-9,53	*41,86*
Dionísio Cerqueira	14.250	5.640	8.610	14.801	4.619	10.182	3,87	-18,10	*18,26*
São José do Cedro	13.678	7.019	6.659	13.672	5.241	8.431	-0,04	-25,33	*26,61*
Guaraciaba	11.038	6.673	4.365	10.498	5.579	4.919	-4,89	-16,39	*12,69*
Mondaí	8.728	4.679	4.049	10.231	3.926	6.305	17,2	-16,09	*55,72*
Descanso	9.129	5.244	3.885	8.638	4.341	4.297	-5,38	-17,22	*10,60*
Iporã do Oeste	7.877	5.026	2.851	8.413	4.287	4.126	6,80	-14,70	*44,72*
Palma Sola	8.206	5.014	3.192	7.765	3.297	4.468	-5,37	-34,24	*39,97*
Anchieta	7.133	4.690	2.443	6.378	3.790	2.588	-10,6	-19,19	*5,94*
São João do Oeste	5.789	4.295	1.494	6.035	3.917	2.118	4,25	-8,80	*41,77*
Romelândia	6.491	4.371	2.120	5.551	3.543	2.008	-14,5	-18,94	-5,28
Guarujá do Sul	4.696	2.598	2.098	4.908	2.253	2.655	4,51	-13,28	*26,54*
Riqueza	5.166	3.889	1.277	4.838	2.684	2.154	-6,35	-30,98	*68,68*
Tunápolis	4.777	3.560	1.217	4.633	3.215	1.418	-3,01	-9,69	*16,52*
Paraíso	4.796	3.494	1.302	4.080	2.629	1.451	-14,9	-24,76	*11,44*
Bandeirante	3.177	2.347	830	2.906	1.974	932	-8,53	-15,90	*12,30*
Princesa	2.613	2.045	568	2.758	1.754	1.004	5,55	-14,23	*76,76*

Municípios	Censo 2000			Censo 2010			Crescimento 2000/2010 (%)		
	Total	Rural	Urbana	Total	Rural	Urbana	Total	Rural	Urbana
Belmonte	2.588	1.576	1.012	2.635	1.362	1.273	1,82	-13,56	*25,75*
Santa Helena	2.588	1.926	662	2.382	1.500	882	-7,96	-22,13	*33,30*
Barra Bonita	2.118	1.862	256	1.878	1.599	279	-11,3	-14,12	*8,98*

Fonte: IBGE.

Embora concordemos que os motivos acima são os principais responsáveis pela dinâmica migratória da região nas últimas três décadas, observamos que na última década a microrregião de São Miguel do Oeste teve crescimento de população, conquanto com perda relativa e absoluta da população rural, o que demonstra o crescimento dos demais setores da economia frente o setor agrícola.

Entretanto, dada a expressividade dos complexos agroindustriais tanto na micro como na mesorregião, temos motivos para acreditar que esses setores estão ligados a eles, o que nos leva a analisar dados das demais atividades agropecuárias de expressão na mesorregião, quais sejam: a produção de grãos (milho e soja), a fumicultura e a pecuária leiteira.

Para a produção de grãos, elaboramos o quadro síntese 5 com a área agricultável e tamanho médio das propriedades de cada microrregião. Nele, identificamos que as microrregiões onde houve maior produção de grãos no ano de 2006 são as que possuem propriedades com estrutura fundiária maior (Soja na microrregião de Xanxerê e milho na Microrregião de Joaçaba). No entanto, se considerarmos a produtividade como produção/área agricultável das microrregiões, a produção de milho na microrregião de São Miguel do Oeste é superior às demais, ao que atribuímos a sua larga utilização na alimentação da pecuária leiteria, uma vez que, se considerarmos a estrutura fundiária e a tendência de aproximação dos custos de produção com os preços de venda, a produção de grãos como única fonte de renda torna-se inviável na maioria das propriedades.

Quadro 5: Estrutura fundiária das microrregiões e produção de grãos no ano de 2006.

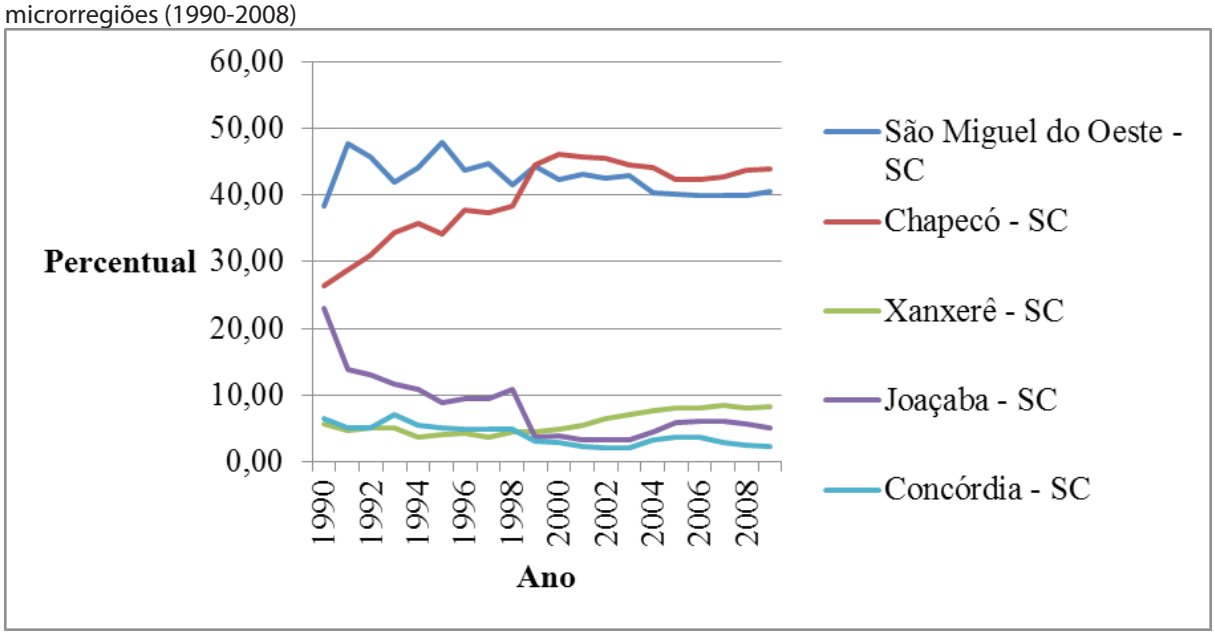
Microrregião	Área (ha)	Percentual da Área da Mesorregião	Tamanho Médio das Propriedades	Percentual da Produção da Mesorregião	
				Soja	Milho
São Miguel do Oeste	351 686	17.18	18.62 ha	15.24	25.45
Chapecó	501 859	24.52	18.23 ha	23.19	22.55
Xanxerê	363 488	17.76	35.48 ha	55.20	15.27
Joaçaba	584 354	28.55	43.92 ha	5.18	30.18
Concórdia	245 413	11.99	20.12 ha	1.20	6.55

Fonte: IBGE.

Em relação à fumicultura, ela está situada principalmente nas microrregiões de São Miguel do Oeste e Chapecó, e, embora a maior produtividade esteja na primeira, ela encontra-se estaganada, apresentando maior crescimento da área plantada no periodo de 1990 a 2008 na microrregião de Chapecó (gráfico 3).

A respeito da cultura, vale destacar que a área utilizada para a plantação geralmente é pequena, raramente superior a cinco hectares, mas geralmente menor que essa extensão. O ciclo da planta é de quatro meses, com plantio das mudas iniciado geralmente em fins de agosto e no mês de setembro, e com colheita nos meses de dezembro e janeiro, sendo possível a utilização da terra para plantio de outra cultura temporária. Em épocas de colheita e classificação das folhas, a cultura exige grande emprego de mão de obra manual, cada vez mais escassa nas famílias rurais.

GRÁFICO 3: Dinâmica histórica da distribuição da área plantada de fumo na mesorregião oeste - microrregiões (1990-2008)

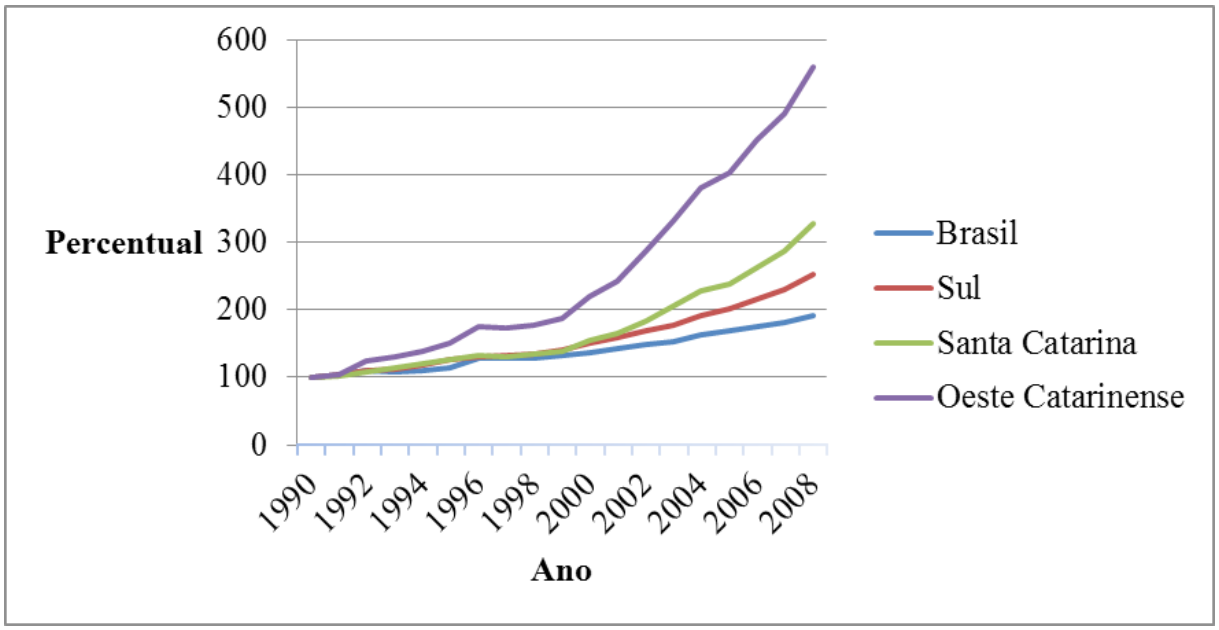


Fonte: CEPA/Epagri.

Quanto à pecuária leiteira, a mesorregião figura entre as principais bacias leiteiras do país, com um crescimento muito acima das médias estadual, da grande região Sul e nacional, conforme podemos observar no gráfico 4. Embora esteja presente em toda a mesorregião, ela adquire maior expressividade na microrregião de São Miguel do Oeste que, no ano de 2006, era responsável por 28,74% da produção da mesorregião oeste. Se levarmos em consideração a relação de leite produzido por área agricultável das microrregiões, São Miguel do Oeste apresentou no ano de 2006 uma produtividade de 824,44 litros/ha, superando em 17% à de Concórdia; em 22% à de Chapecó; 181% à de Joaçaba, e; em 321% à de Xanxerê.

Por se tratar de uma atividade onde existe a possibilidade de produção com maior ou menor grau de tecnologia aplicada, (produção a base de pasto, utilização de maior ou menor quantidade de ração, produção semiconfinamento ou confinamento), ela está presente em uma grande quantidade de propriedades agrícolas.

GRÁFICO 4: Evolução da produção leiteira no Brasil, Região Sul, Estado de Santa Catarina e Mesorregião Oeste Catarinense (1990-2008).



Fonte: Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento/IBGE

No ano de 2010, com o intuito de identificar atividades não agrícolas no meio rural do município de Princesa-SC, realizamos entrevistas aleatórias em 79 domicílios rurais dentro do universo de 427 apontados pelo IBGE para este município. Destes, 75 obtinham renda de alguma atividade agrícola, sendo que a pecuária leiteira estava presente em 73 domicílios, sendo responsável pela principal fonte de renda agrícola em 41 propriedades e a segunda em outras 31.

FIGURA 4: Mapa da Microrregião de São Miguel do Oeste - SC e localização do município de Princesa.



Fonte: IBGE Organizado por: Jairo Jacó Hansen e Lucas Ricardo Hoenig.

Outras informações relevantes daquele estudo é que a população empregada em atividades agropecuárias, considerando faixa etária de 15 a 59 anos, possuía uma idade média de 37 anos (72,64% do total), enquanto a população ocupada em atividades não agrícola apresentava idade média de 26 anos e a população que havia migrado nos últimos 20 anos saiu da propriedade com idade média de 20 anos.

Já as atividades agropecuárias nos últimos 20 anos, vêm apresentando uma tendência de especialização produtiva, pois em 1990 as propriedades que se dedicavam a apenas uma atividade agropecuária com finalidade de renda era de 5% enquanto que em 2010 esse índice é de 29%, e, as que tinham três a quatro atividades, tiveram, no mesmo período, uma redução de 58% para 31%, muito embora, geralmente, uma ou duas atividades são de baixa renda, considerada complementar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com as análises censitária e histórica contidas no presente artigo, observamos que o complexo agroindustrial da pecuária leiteira supre em grande parte a necessidade de renda das famílias agrícolas da mesorregião, sobretudo na microrregião de São Miguel do Oeste, e vem contribuindo para a contenção da população local, embora a mão de obra agrícola tenda a envelhecer.

No entanto, a produção de leite no estado, aqui apresentado por não haver dados mais detalhados das microrregiões, vem apresentando crescimento muito superior aos índices nacionais. Entre o ano de 2000 e 2012 o crescimento nacional para o período foi de 38,81%, enquanto o estadual foi de 63%, passando a responder em 2012 por 8,41% da produção nacional. Embora esses números sejam representativos, nesse período não se observou tendências da produção se tornar verticalizada, pois a montante das agroindústrias, o sistema de produção é bastante variado, desde a produção a base de pastos (com maior ou menor uso de complementos alimentares, produzidos ou não na propriedade), até o confinamento completo (com maior consumo de ração industrializada), porém com uma crescente tecnologia em ambos, seja na genética, alimentação ou na infraestrutura.

A esses investimentos, destacamos a possibilidade dos agricultores acessarem a linhas de crédito com juros baratos, uma vez que a grande maioria se enquadra na condição de agricultor familiar e, a estes, o crédito rural do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) é ofertado a taxas de juros que variam de 1,5% a 3,5% ao ano na modalidade custeio e, de 2% ao ano e prazos de até dez anos na modalidade investimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Pedro Assumpção; MATTEI, L.F. **Migracoes no Oeste Catarinense: historia e elementos explicativos.** In: XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2006, Caxambu. Anais do XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Campinas - SP: Editora da ABEP, 2006. v. I. p. 176-198.

DALLA COSTA, Armando João. **Empresas agroindustriais e transformações no trabalho**: mudanças na tecnologia e na organização do trabalho entre os avicultores. In: V Congreso Latinoamericano de Sociologia del Trabajo. Montevideo: Editado pela Associação Latinoamericana de Sociologia del Trabajo, 2007. v. 1. p. 1-16.

DELGADO, Guilherme da Costa. **Capital Financeiro e Agricultura no Brasil.** São Paulo – SP: Ícone, 1985.

ESPÍNDOLA, Carlos. J. . Formação Sócio espacial: um referencial aos estudos sobre industrialização. In: **O mundo do cidadão Um cidadão no mundo.** São Paulo: Universidade de São Paulo, 1996. V. 1. P. 153-154.

FURTADO, Celso. **O Brasil pós-milagre.** Rio de Janeiro – RJ: Paz e Terra, 1981.

KAGEYAMA, Angela; & SILVA, José Graziano da. **A Dinâmica da Agricultura Brasileira: Do Complexo Rural aos Complexos Agroindustriais.** Campinas: 1988.

MATTEI, Lauro. A Dinâmica das Ocupações Rurais Não-Agrícolas em Santa Catarina nas Décadas dos Anos Oitentas e Noventas In: CAMPANHOLA, Clayton. SILVA, José Graziano da (org). **O novo rural brasileiro: uma análise estadual: Sul, Sudeste e Centro-Oeste.** volume 3, Jaguariúna – SP: EMBRAPA, 2000. p. 49-79.

MATTEI, Lauro. **Economia Catarinense: Crescimento com desigualdades regionais.** 2011 (Apresentação de Trabalho/Outra). Disponível em: <http://www.apec.unesc.net/V_EEC/sessoes_tematicas/Desenvolvimento%20e%20meio%20ambiente/ECONOMIA%20CATARINENSE%20CRESCIMENTO%20COM%20DESIGUALDADES%20REGIONAIS.pdf >Acesso em 20 de Maio de 2011.

OLINGER, Glauco. **Ascensão e decadência da extensão rural no Brasil.** Primeira Edição. Florianópolis: GED/EPAGRI, 1996.

SANTOS, Milton. **Sociedade e Espaço: a formação social como teoria e como método.** Boletim Paulista de Geografia, 54: 1977. p. 81-100.

SCHNEIDER, Sérgio. **A Pluriatividade como estratégia de reprodução social da agricultura familiar no Sul do Brasil.** Estudos Sociedade e Agricultura (UFRJ), Rio de Janeiro: v. 16, 2001, p.164-184.

SILVA, José Graziano da. **Progresso Técnico e Relações de Trabalho na agricultura.** São Paulo – SP: Hubitec, 1981.

SILVA, Marcos Aurélio da. **A categoria de formação sócio-espacial e a questão regional: uma aproximação com Gramsci.** In: Anais do XII Encuentro de Geografos de América Latina, 2009, Montevideo: 2009.

SILVA. José Graziano, da. **O Novo Rural Brasileiro**. Disponível em <http://www.geografia.fflch.usp.br/graduacao/apoio/Apoio/Apoio_Valeria/Pdf/O_novo_rural_brasileiro.pdf> Acesso em 03 Jun. 2010.

SILVA. José Graziano, da. **O Novo Rural Brasileiro**. 2. Ed. Campinas: UNICAMP-IE, 1999 (Coleção pesquisas).

SINGER, Paul. **Campo e Cidade no Contexto Histórico Latino Americano.** Disponível em: http://www.cebrap.org.br/imagens/Arquivos/campo_e_cidade_no_contexto.pdf Acesso em 10 de Jun. 2010.

VICENZI, Renilda. **COMPANHIA COLONIZADORA BERTASO: AÇÃO COLONIZADORA EM CHAPECÓ (1918-1950).** Passo Fundo, 2009. Trabalho acadêmico – História, Universidade de Passo Fundo.